

## A construção da notícia a partir do uso do WhatsApp: um contraponto entre as teorias jornalísticas tradicionais e as novas tecnologias<sup>1</sup>

Wilyana Eulina de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Paulo Romário Morais MOREIRA<sup>3</sup>  
José Ricardo da SILVEIRA<sup>4</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo buscar entender de que forma as novas tecnologias podem modificar e transformar a construção da notícia, bem como, entender até que ponto as teorias jornalísticas tradicionais são influenciadas pelas plataformas de comunicação atuais, com ênfase no WhatsApp. Fizemos uma análise de algumas edições do jornal *O liberal* de Americana/SP. Para tanto, discutimos as tradicionais teorias do jornalismo frente às novas formas de construção da notícia a partir das discussões de Nelson Traquina (1993 e 2005), Miquel Rodrigo Alsina (2009), Francisco Sant’Anna (2009). Adghirni (2012) Bianco (2016). Contrapomos as teorias aos resultados observados na análise e pudemos perceber a forte presença do uso do WhatsApp na construção das notícias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Notícias; Teorias do jornalismo; WhatsApp.

### INTRODUÇÃO

A “informação – afirma Beltrão – é a percepção do real, captadas pelos sentidos e registrada na mente, seja pela observação direta, seja pela percepção de mensagem produzida por outrem ” (SANTANNA, 2009, p. 212).

Com os avanços da tecnologia, notamos o grande fluxo de notícias que circulam de modo aleatório. Uma das plataformas mais utilizada nos dias atuais é o WhatsApp, um aplicativo que permite e facilita a troca de mensagens por meio de multiplataformas. O WhatsApp faz uso de recursos como vídeos, textos, áudios e fotografias. Esse aplicativo, tem servido como fontes de notícias, sem sequer o jornalista ir atrás dos acontecimentos.

O estudo busca entender de que formas essa tecnologia pode influenciar, modificar e transformar a construção da notícia. Bem como avaliar o contraponto das teorias jornalísticas tradicionais em relação a essas novas plataformas de comunicação.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social (com Habilitação em Jornalismo) da FAFIC-UERN, e-mail: [wilyana\\_eulina@msn.com](mailto:wilyana_eulina@msn.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social (com Habilitação em Jornalismo) da FAFIC-UERN, e-mail: [romariomorais2008@hotmail.com](mailto:romariomorais2008@hotmail.com)

<sup>4</sup>Orientador do trabalho. Professor Doutor do curso de Comunicação Social (com Habilitação em Jornalismo) da FAFIC-UERN, e-mail: [j\\_silveira@yahoo.com](mailto:j_silveira@yahoo.com)

Para tanto, consideremos as perspectivas teóricas de Nelson Traquina (1993; 2005), Miquel Rodrigo Alsina (2009), Francisco Sant’Anna (2009). Adghirni (2012) Bianco (2016).

## TEORIAS JORNALÍSTICAS *VERSUS* NOVAS TECNOLOGIAS

Estamos vivendo mudanças avassaladoras no campo jornalístico, Traquina (2005) diz que o jornalismo que conhecemos hoje tem suas raízes no século XIX, mas, viu as mudanças acontecerem com a chegada da “*mass media*”.

Nos dias atuais quase todo mundo tem acesso instantâneo às informações, “todos” podem ter a possibilidade de produzirem e veicularem notícias. Os jornais impressos fechando e/ou mudando para plataformas *online*, por isso, apostar nos meios digitais é acelerar o ritmo de trabalho jornalístico, sem acúmulo de funções.

O jornalista deve atentar-se ao que está acontecendo, precisa determinar o que pode ou não ser noticiado. Para isso, o fator tempo é um elemento crucial, podendo ajudar ou atrapalhar o trabalho jornalístico, isso devido ao rápido processo de informações que chegam a todo instante numa redação de jornal. As notícias são válidas (muitas das vezes) pelo seu imediatismo. Sobre isso Traquina enfatiza:

As notícias são vistas como um “bem altamente perecível”, valorizando assim a velocidade. O imediatismo age como medida de combate à deterioração do valor da informação. Os membros de comunidade jornalística querem as notícias “quentes” quanto possível, de preferência “em primeira mão”. Notícias “frias” são notícias “velhas”, que deixaram de ser notícia (TRAQUINA, 2005, p. 37).

O jornalista participa ativamente na formação da notícia e é dele a responsabilidade de dar importância e relevância aos fatos. Portanto, ele deve analisar as fontes, verificando a credibilidade e a veracidade, fazendo uma espécie de escala de confiança. Com isso, é de entendimento que as informações *online* trazem “privilégios” como rapidez, interativa, dentre outros. Mas, nem tudo que circula nos meios digitais devem servir como referência ou fontes confiáveis.

Mesmo o jornalista não noticiando um fato absoluto, apenas fazendo interpretações. O público espera do mesmo que ele produza notícias que informem a verdade, com clareza e precisão chegando o mais próximo da realidade.

Antes víamos o jornalismo como algo engessado, sem interação, e mesmo tendo conhecimento que desde muitos anos existem processos para que se possa formular todas as notícias. “As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a

percepção, selecção e transformação de matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 1993, p. 169). Hoje percebemos que esse processo passa por transformações.

Há mudanças visíveis no campo das notícias, as mídias estão cada vez mais se apoderando de redes sociais, aplicativos para celulares, isso já vem sendo exposto por autores como Alsina: “No tocante à imprensa, e talvez onde o tempo de produção pode ser reduzido, seria nos meios de eletrônicos, que podem ir atualizando os conteúdos na medida em que os acontecimentos forem ocorrendo” (ALSINA, 2009, p, 157).

Essas mudanças acabam influenciando a maneira como o jornalista atua. Diante da “pressão”, os profissionais se sentem na obrigação de levar em conta a quantidade, deixando de lado a qualidade, como explicita Tulha (2012):

As consequências são óbvias: menos tempo para verificar a informação, menos tempo para se procurarem histórias, menos tempo para o contacto direto com as fontes e para se sair da redação, um jornalismo cada vez mais sentido e consequente perda de qualidade e diversidade informativa (TULHA, 2012, p. 1).

O jornalismo sentido tem se tornado cada vez mais recorrente. O profissional fica refém das notícias que chegam em suas mãos, não são “capazes” de sair procurar acontecimentos. Por exemplo, entrevistas são feitas por e-mails, por redes sociais, entre outras mídias. Isso faz com o jornalista perca aquele *insight*, não tendo um olhar ou uma ideia diferenciada sobre o que realmente está sendo noticiado.

## **O WHATSAPP NA CONSTRUÇÃO DAS NOTÍCIAS.**

O WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas criado para smartphones em 2009 pelo ucraniano Jan Kourn e o americano Brian Acton. O aplicativo que inicialmente era pago, permite realizar chamadas para contatos, formar uma pequena rede social de até 100 pessoas (grupos), enviar mensagens de textos, áudios, fotos, vídeos e na sua última atualização permite o compartilhamento de documentos em formato pdf. De acordo com o site brasileiro de tecnologia Techtudo:

Além de o usuário economizar tarifas de SMS e de ligações, a velocidade da troca de mensagens é rápida. A chamada telefônica tem um pequeno delay, mas nada que atrapalhe a conversa. E mesmo que o usuário esteja com o aparelho descarregado ou desconectado da Internet, o WhatsApp salvará as mensagens enviadas e enviará

notificações assim que estiver conectado. As ligações e a troca de mensagens são feitas pela Internet, não havendo assim cobrança de tarifas mesmo quando o contato está em outro país (Site Techtudo, 2016).<sup>5</sup>

O aplicativo revolucionou o plano das comunicações por ser uma multiplataforma que converge diversas mídias ao invés de trabalhar só com mensagem de texto, ou somente áudio, ou só vídeo. O aplicativo reúne esses e outros meios que facilitam muito a vida das pessoas na troca de informações e a forma como as pessoas concebem as informações. Sobre essa convergência, Jenkins nos diz que:

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através dos múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (...) A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e suas interações sociais com outros (JENKINS, 2009, p.27).

A forma como as pessoas interagem e se comunicam mudou com a disseminação do WhatsApp e com as novas mídias digitais em geral, o que abre para uma discussão sobre a produção e disseminação de informações. Agora todo mundo pode produzir e divulgar o que quiser através das suas câmeras, se tornando um pseudo-repórter, o que pode causar problemas, visto que quando algumas informações ao serem divulgadas na internet, seja via aplicativo ou via site podem tomar grandes proporções.

Devido o imediatismo da internet e suas plataformas, a produção e divulgação de informações passou a ser repensada por parte dos jornalistas. A resposta agora é imediata e a produção da notícia pode ser feita com a ajuda de colaboradores, que através de um simples “Whats” podem enviar denúncias, furos de reportagem e sugestões de pautas ajudando assim na seleção do que vira notícia. Para Traquina:

As notícias são o resultado do processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima (TRAQUINA, 1993, p.169).

Se este processo descrito por Nelson Traquina de produção da notícia fosse feito nos dias de hoje, não poderíamos deixar de lado a participação, além das *fontes primárias*, da

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/whatsapp-messenger.html>>

pessoa comum como elemento colaborativo nesta percepção, seleção e transformação de uma matéria prima.

Cabe ao jornalista saber definir o que de fato pode se tornar notícia, averiguando pessoalmente o que foi fornecido via aplicativo de mensagens, porém, a participação destes colaboradores se tornou importante na divulgação de coisas que anteriormente poderiam passar despercebidas e conseqüentemente não serem divulgadas. Sobre o fazer jornalístico frente às novas tecnologias, Bianco afirma que:

Nesse aprendizado acaba por constituir novas formas de percepção do mundo e do processo comunicativo. Na sociedade da informação não se imagina mais o aprendizado em cima de saberes estáveis, herdados pela tradição. A forma é do saber-fluxo, por natureza caótico e sujeito a flutuações. São mutações cognitivas igualmente velozes, às vezes pouco perceptíveis, que ocorrem no ambiente da redação jornalística, cujos sinais podem ser evidenciados no modo como os jornalistas interagem com a rede (BIANCO, 2004, p. 8).

São reflexões pertinentes, visto que a internet funciona através imediatismo, circulando notícias a todo instante, com isso cabe ao jornalista essa adaptação aos novos meios, que veio para somar, acrescentar e não para excluir outro meio de trabalho.

## **O NOVO RITMO DAS REDAÇÕES: ALTERAÇÕES NAS ROTINAS PRODUTIVAS**

De acordo com Adghirni (2012, p.451) “o processo informativo compõe-se de diversas fases que variam segundo a observação do trabalho de cada redação e cada meio de comunicação”. As rotinas jornalísticas são produzidas especificamente de acordo com cada veículo de comunicação, e essas rotinas são apreendidas como afirma Adghirini por “osmose”, ou seja, através da convivência, os novos jornalistas se adaptam ao fazer jornalístico de cada empresa de comunicação.

O fato é que com a chegada das novas tecnologias essas rotinas jornalísticas estão sendo modificadas. A invenção dos aplicativos para smartphones como o WhatsApp fez com que a distância entre quem produz a notícia e quem recebe a notícia pudesse ser diminuída e que o processo de produção da notícia deixasse de ser unicamente feito por jornalistas e passasse a ter a colaboração dos telespectadores/leitores/pessoas comuns.

Fonseca e Linderman *apud* Figueiredo e Saudino esclarecem que:

A característica fundamental dessa nova forma de produzir e fazer circular a notícia é a "superação do modelo transmissionista emissor-

meio-mensagem-receptor", originalmente presente no modelo convencional. As autoras destacam que no jornalismo participativo o antigo receptor agora se torna agente produtor e também influencia diretamente na criação de pautas e na edição das notícias. "A ideia de participação é, justamente, descentralizar a emissão, oportunizando que mais vozes tenham vez no espaço público (FONSECA; LINDERMAN *apud* FIGUEIREDO; SAUDINO, 2015, p. 6).

Nessa nova rotina a informação é produzida numa via de “mão-dupla” onde o leitor pode estar mais próximo das empresas de notícias e influenciar, seja sugerindo pautas, corrigindo erros, apresentando fatos novos, denunciando coisas e apresentando furos de reportagem, ajudando assim a preencher os espaços em branco do jornal antes do *deadline*.

No entanto, vale salientar que o papel do jornalista não muda na apuração da notícia, apenas conta com mais uma nova ferramenta, cabendo a ele verificar a veracidade das informações e não apenas selecionar tal notícia do conteúdo colaborativo. Cabe ainda ao profissional a adequação gramatical e a adaptação à linha editorial do jornal. Em suma, o jornalista, apesar da facilidade do acesso às informações via internet, não pode esquecer do seu papel enquanto mediador de informações para a população, não se deixando afetar e se acomodar com informações incertas. As tecnologias têm de ser incorporadas para a melhor cobertura jornalística e não para colaborar com uma rotina de um jornalismo “sentado”.

Segundo Kovach e Rosenstiel *apud* Tulha (2012, p.9) à medida que os jornalistas passam mais tempo a tentar sintetizar o interminável fluxo de dados que lhes chega através de novos portais de informação, correm o risco de se tornarem mais passivos, mais receptores do que coletores de informação.

## **O USO DO WHATSAPP PELO JORNAL *O LIBERAL***

O jornal *O liberal* é um veículo de comunicação da cidade de Americana/SP, tem 63 anos de circulação para todo interior de São Paulo. Este veículo pertence ao Grupo Liberal, que além do jornal, é constituído por uma emissora de Rádio (94,7), a Revista L entre outros veículos de comunicação.

O Jornal *O Liberal* incorporou às suas práticas jornalísticas o uso do WhatsApp, divulgando o número de contato aos seus leitores, para sugestões, reclamações, denúncias, etc. Um ano depois, no dia 18 de maio de 2015 lançou o selo “Pauta do WhatsApp” que tem como objetivo identificar as matérias que seriam providas das sugestões enviadas pelos usuários do aplicativo.

O editor-chefe do jornal, Carlos Ventura, em entrevista ao próprio jornal sobre o uso do WhatsApp na redação afirma que:

O WhatsApp é hoje, um dos aplicativos mais utilizados. Todo mundo usa para conversar com os amigos com a família. Ele é muito mais importante do que parece e pode ter função de convidar novos leitores, além de fidelizar os habituais[...] É muito fácil utilizá-lo e qualquer pessoa, quando vê algo errado, já pode tirar uma foto, encaminhar, e aquilo pode virar uma reportagem (VENTURA, 2015).<sup>6</sup>

E ainda afirma: “A experiência é bem interessante. Com essa instantaneidade, os leitores estão participando cada vez mais”.

Por ser um jornal que declaradamente utiliza o WhatsApp como ferramenta na construção das notícias. Escolhemos, a partir do acervo digital do jornal, 3 edições do ano de 2016 do mês de abril, aleatoriamente, a fim de serem analisadas para verificar como essas pautas via WhatsApp estão distribuídas dentro do jornal e sua frequência.

Na edição do dia 21/04/2016 percebemos que na capa não há indicação de pautas via WhatsApp, porém nas páginas 5 e 8 do jornal, no caderno Cidades percebemos a presença do selo “Pauta do WhatsApp” que indica que houve colaboração via aplicativo.



<sup>6</sup> Disponível em: <<http://liberal.com.br/cidades/whatsapp-ola-pelo-amor-de-deus-nos-ajude/>>

Na edição do dia 19/04/2016 o selo “Pauta do WhatsApp” aparece somente uma vez na página 7 do caderno Cidades. A capa não apresenta em nenhuma das manchetes o selo.



A terceira edição, que foi escolhida aleatoriamente, foi a do dia 13/04/2016, na qual pudemos observar que na capa não houve indicações, nem aparições do selo colaborativo, mas dentro do jornal encontramos mais uma vez no caderno Cidades, na página 5, uma matéria que foi feita com a contribuição dos leitores/pessoas comuns.



Nas três edições analisadas pudemos perceber a participação das pessoas na construção das notícias, o que pode comprovar a participação das pessoas no desenvolvimento do processo da pauta jornalística.

De acordo com Carlos Ventura, o editor-chefe:



Exemplos de matérias publicadas no jornal e apuradas após reclamações e sugestões por meio do WhatsApp não faltam: desde casos de falta de água em bairros de Americana a denúncias na demora no atendimento no Hospital Municipal Dr. Valdemar Tebaldi, passando por queixas de precariedade nos banheiros públicos da rodoviária da cidade, pela falta de vagas para internação no Hospital Santa Bárbara (VENTURA, 2015).<sup>7</sup>

Podemos comprovar a ideia de que o leitor/pessoa comum agora, está cada vez mais disposto a ajudar na criação das matérias, seja uma denúncia, seja uma reclamação, sugestão, etc.

## CONCLUSÃO

A partir de nossas análises, do *corpus* e dos referenciais teóricos, pudemos concluir que o uso do WhatsApp está muito frequente no caso estudado, visto que todas as edições analisadas apresentam matérias/reportagens feitas a partir da colaboração do aplicativo, mostrando a interação do leitor e jornalista na construção da matéria. O que se percebe é que é uma nova ferramenta não exclui outras formas de construção da informação, bem como não muda o papel do jornalista na apuração e verificação dos fatos.

Fazendo um contraponto com as teorias tradicionais do jornalismo pudemos compreender que mesmo muitas destas se encaixarem no que estamos vivenciando no jornalismo, algumas precisariam analisar esta nova prática de fazer jornalismo e construir críticas que a envolva nesse novo contexto sobre as novas tecnologias, provocando mudanças na produção e recepções das notícias.

Não se trata de excluí-las ou deixa-las de lado, mas apenas refletir sobre essas teorias nos dias atuais, na qual o leitor pode ser um colaborador no trabalho jornalístico.

## REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Z. L.; **Rotinas produtivas do jornalismo em Brasília**. In: Sérgio D. Porto, Maurice Mouillaud. (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 3ed. Brasília: Ed. UnB, 2012, v. , p. 519-538.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://liberal.com.br/cidades/whatsapp-ola-pelo-amor-de-deus-nos-ajude/>>

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BIANCO, Nelia del. A Internet como fator de mudança no jornalismo. **Intercom**, v. 27, n. 1, 2004. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009

SANT'ANNA, Francisco. **Mídias das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal**. Brasília: Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

SAUDINO, Fernanda; FIGUEIREDO, Pedro de. “Uso do WhatsApp na Construção das Notícias: Reflexões sobre as Teorias do Jornalismo na Era Digital”. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

SITE TECHTUDO. Tudo sobre WhatsApp. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/whatsapp-messenger.html>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias, estórias**. Lisboa, Vega, 1993

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

TULHA, Ana Sofia Pereira. **O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO**. Disponível em: <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/9391/1/O%20jornalismo%20sentado%20e%20a%20depend%C3%A2ncias%20das%20ag%C3%A2ncias%20-%20Ana%20Tulha.pdf>>. Acesso em: 22 abril 2015.

WHATSAPP. Entrevista de Carlos Ventura. Disponível em: <<http://liberal.com.br/cidades/whatsapp-ola-pelo-amor-de-deus-nos-ajude/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.